

Notas e Informações

Na Amazônia, o desafio

Uno, dos, tres... miles Vietnames. O lema do Che Guevara poderá tornar-se trágica realidade na América Latina se os governos associados ao Tratado da Bacia Amazônica não tomarem consciência de que se joga na Colômbia a estabilidade da região, e portanto do Continente. No pensamento geoestratégico norte-americano e brasileiro — para citar apenas os dois maiores países do Hemisfério Ocidental — a Amazônia sempre foi vista como *zona amortecedora*. Na linguagem geopolítica, essa designação indica que se trata de região que não exige maior preocupação, uma vez que por si só, por sua conformação geográfica, por seus rios e florestas, pode demover a intenção de qualquer penetração estranha. Ora, esse pensamento geopolítico, com suas repercussões estratégicas, data dos anos 50, antes de a guerrilha ter feito sua aparição na América Latina sob a forma castrista. Na região amazônica, o que havia eram as guerras civis na Colômbia e na Venezuela, em que bandos armados, sob a denominação de “conservadores” ou “liberais”, disputavam o poder ao adversário, sem preocupação ideológica e sem desejo de ultrapassar fronteiras. Com o advento da guerrilha castrista e depois dela, a região amazônica deixou de ser uma zona amortecedora; pelo contrário, passou a ser “o rio em que se esconde o peixe”, para usar expressão cara ao pensamento de Mao Tsé-tung. Por essa razão, as concepções estratégicas tiveram de adaptar-se às novas realidades — ou pelo menos deveriam ter sido levadas a adaptar-se a esse estado de coisas. Terão os Estados-Maiores dos países da região chegado a esse raciocínio?

O risco de a Amazônia tornar-se o grande cenário da guerrilha está implícito na presença de assessores militares norte-americanos na Colômbia, auxiliando o governo legal e legítimo a combater o narcotráfico. Dessa maneira começou o envolvimento norte-americano no Vietnã: assessores militares com ordens expressas — traduzidas nas chamadas instruções de engajamento — de atirar para defender-se e fazer uso *razoável* da força para proteger seu equipamento e munições. Assim se inicia o

engajamento dos assessores; depois, para ampará-los numa luta desigual, chegam tropas de linha. Em seguida, os reforços necessários. Depois, é o desconhecido, numa região, como a Colômbia, em que as cumplicidades monetárias e do medo facilitam a tarefa do narcotráfico e de seus terroristas, quando não dos guerrilheiros que simultaneamente deles se servem e servem a eles.

É preciso ver que a Amazônia brasileira pode ser o território ideal para o refúgio de guerrilheiros da droga, ou da ideologia — pouco importa. A Amazônia brasileira, repitamos à exaustão, em que a existência de alguns milhares de índios preocupa movimentos europeus e norte-americanos, e onde a alegada devastação das florestas causa sérias preocupações aos governos do Hemisfério Norte. Na Amazônia brasileira há minerais preciosos, minérios raros, quando não estratégicos, ouro, pedras preciosas. Com ou sem guerrilha forânea, ela é o terreno onde se defrontam forças antagônicas, muitas vezes perseguindo objetivos contrários aos interesses do Estado brasileiro. Outras vezes, a região se transforma na terra de ninguém, onde interesses privados — nacionais e estrangeiros — se digladiam para ter o controle da extração (legal ou não) do que pode ser retirado com o conhecimento ou não das autoridades. Esses interesses materiais estão mascarados pela defesa do índio e da floresta tropical. Por isso se entende por que no momento em que o Estado brasileiro quis tornar efetiva sua soberania sobre a região, criando o Projeto Calha Norte — alguns milhares de soldados patrulhando a imensidão da fronteira —, vozes iradas se ergueram no Cimi, na CNBB, nas diversas entidades civis vinculadas à defesa do índio e da natureza, como se a presença de poucos pelotões de fronteira fosse danosa à floresta. No presente momento em que os norte-americanos começam a engajar-se na Colômbia, a Calha Norte é apenas um projeto do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, realizado a duras penas, como se as Forças Armadas tivessem de justificar-se perante a sociedade brasileira do “crime” de defender o território contra a incursão do narcotráfico, da guerri-

lha e da presença atuante do contrabando. Até quando será assim?

Despreocupada dos problemas que representa para sua segurança a existência de sete vizinhos ao Norte, com problemas estruturais e políticos da maior gravidade, a sociedade brasileira, especialmente sua classe política, recusou sempre às Forças Armadas o apoio indispensável para que elas pudessem desenvolver, atualizando, o pensamento que nos anos 50 fez da Amazônia uma “zona amortecedora”. *Essa zona de paz e tranquilidade não existe mais*. Os mais diversos interesses estrangeiros atuam na Amazônia, fazendo pressão para que nada se implemente ali, ou eles próprios exploram a área à socapa. Nas fronteiras, alguns Estados começam a vacilar em seus fundamentos, e num deles, especialmente a Colômbia, os Estados Unidos engajam o terrorismo da Narcoguerrilha, a pedido do governo legal e legítimo. Mais cedo, ou mais tarde, o narcotráfico e a guerrilha ideológica procurarão seu *santuário* na Amazônia brasileira, como a FLN argelina fez na Tunísia, e o Vietcong acostumou-se a fazer no Laos e no Camboja até envolver esses dois países no conflito.

Esses são problemas reais, que a sociedade brasileira deve encarar, quando mais não seja para formular — se ainda houver tempo — a resposta aos problemas que fatalmente surgirão do envio de assessores norte-americanos à Colômbia. Os brasileiros — governo, Forças Armadas, classe política, empresários, trabalhadores, todos enfim — precisam tomar consciência de que a História está batendo às portas, e de que não será com discursos balofos, sem contato com a realidade concreta do cotidiano na Colômbia e na Amazônia, que se encontrarão respostas para os graves problemas com que nos defrontaremos a partir de agora. A guerrilha do terrorismo político e do narcotráfico é uma ameaça virtual para o Estado brasileiro na Amazônia. No Centro-Sul do País, nas favelas das grandes cidades, o tráfico de drogas se instalou com firmeza. Por esse duplo movimento, o cerco daquilo que reputamos ser a *nossa civilização* e a *nossa cultura* pode tornar-se realidade.